



Revista de Estudos Linguísticos, Literários, Culturais e da Contemporaneidade -

Associada ao programa de mestrado Profletras-UPE-Garanhuns -
aos grupos de pesquisa ARGILEA e DISCENS

ISSN: 2236-1499 - registro na Crossref, d.o.i.: 10.13115/2236-1499

Número Especial 18b – 03/2016 – Com artigos, resumos e comunicações do CONEAB-2015

A ESCRITA DE CAROLINA MARIA DE JESUS, UM INSTIGANTE DESAFIO: ASCENSÃO E QUEDA

Marcio Carvalho da Silva (PPGL-UFS)
Antonielle Menezes Souza (PPGL-UFS)

Esta pesquisa tem como propósito fomentar algumas indagações acerca da escrita de Carolina Maria de Jesus, mulher, negra, favelada e semianalfabeta que em meados da década de 1960 eclodiu com a publicação da sua primeira obra **Quarto de despejo**¹, dando visibilidade a uma classe urbana, até então mitigada, de desvalidos em bolsões de pobreza na pujante capital paulista, ao retratar as adversidades socioculturais da época.

A autora em questão nasceu na cidade de Sacramento, interior de Minas Gerais, em 14 março de 1914. O sua origem inicia em uma comunidade rural, onde seus pais desenvolvem a atividade de meeiros², na infância só frequentara os bancos escolares até os sete anos de idade, entretanto apesar do curtíssimo tempo de liceu, aprendeu a ler e escrever. Em idade adulta, emigra da zona rural mineira para a cidade de São Paulo, na metrópole se aloja na eferescente favela do Canindé (atualmente extinta), na zona norte de cidade. Neste espaço em constante ebulição, inicia a atividade de catadora de tudo que pudesse ser comercializado ou revertido para os incessantes reparos da casa, visto que sempre em construção, tendo em vista as intempéries climáticas. Nesta ambiência, inicia sua labuta de catadora de papel, atividade que realiza até sua morte, em 1977.

Além da tarefa de recolher refugos da cidade como entulhos de obras, latas, madeiras dentre outros materiais que pudessem ser removidos de forma lícita, essa intrigante personagem nutria um desejo pelo papel, seja ele em branco, livros ou revistas, isto é, o texto impresso a fascinava. Nessas idas em vindas em busca do sustento, principia a escrever nas encardidas folhas advindas do lixo sobre o seu dia a dia e principalmente acerca das experiências que remontavam não apenas sua existência, mas a realidade que circunda a vida das demais pessoas que fazer parte do seu entorno. É relevante sinalizar que seu raio especulativo não se restringiu apenas em relatar em substancias volumes de escritas a vida dos desvalidos favelados, mas seus textos transitam em gêneros textuais diversos que perpassam desde diários até composições musicais, faz saber que são sete romances, 60 textos curtos e 100 poemas, além de quatro peças de teatro e de 12 letras de marcha de carnaval.

A trajetória de vida da Carolina Maria de Jesus se inicia e se entrelaça com a do Brasil recém-saído oficialmente dos grilhões da escravidão institucionalizada, como em um contexto tão arraigado por discrepâncias econômicas, culturais e sociais iremos fomentar a

¹ Considerarei QD a abreviação para designar **Quarto de Despejo**.

² Agricultor que planta em terra alheia e divide os resultados com o dono.

seguinte indagação: Como se deu na perspectiva midiática e da indústria cultural nacional a eclosão literária da Carolina Maria de Jesus, bem como a sua necessidade de afirmação social a partir da produção textual.

Produção literária essa que reflete o Brasil, um país assolado pela discrepância abissal entre a massa pobre e desvalida que sustenta uma diminuta, entretanto extremamente rica parcela da população que detém o capital, este é o cenário típico da nação brasileira, assustadoramente injusta no tocante à distribuição de seus recursos entre o povo.

A escolha deste objeto de estudo justifica-se pela necessidade de dar voz a um texto, no qual a autora denuncia em alfarrábios de papéis marginalizados (já que seu suporte eram as folhas catadas no lixo), a suas memórias, bem como as dos demais moradores daquela tão sofrida daquele espaço, na perspectiva de um olhar existencial sobre a experiência de uma urbanidade segregacionista e de exclusão. Visto que a cidade de São Paulo no início do século XX se configura como a grande metrópole nacional, ficando para trás o modelo socioeconômico centrado na monocultura e as mansões dos barões do café, dando lugar à indústria e urbanização, dando espaço a uma nova configuração econômica, urbana e industrial.

Incontestavelmente então, refletir acerca dos escritos da Carolina Maria de Jesus, em particular do diário *QD* (1963), personifica o texto que além de um retrato cru de um universo social marginalizado, também representa o projeto da mulher, negra e mãe solteira de três filhos em vislumbrar a literatura como alavanca para uma vida mais afortunada.

A pesquisa proposta então partirá do estudo do texto literário, a fim de realizar tal tarefa, nos debruçaremos em aportes teóricos: Florestan Fernandes, Joel Rufino dos Santos, Robert Levine, dentre outros que proporcionarão um diálogo desde os estudos sociológicos, até os literários, com o intento de refletir acerca da tão instigante trajetória do projeto literário da Carolina de Jesus, sua ascensão e queda. Pretendemos então, analisar, na perspectiva visibilidade que as mídias nacional e internacional atribuíram aos seus textos, bem como a eclosão literária e a sua necessidade de afirmação social a partir da produção textual.

E fim de realizar uma coerente análise acerca da temática proposta, é de suma importância uma consistente fundamentação teórica para a viabilidade de quaisquer tipos de pesquisa, se faz recorrendo-se a procedimentos técnicos, instrumentais e metodológicos variados, sempre com a perspectiva de obter os dados mais precisos para tentar responder a uma determinada problemática e alcançar os objetivos propósitos na pesquisa. Em particular no nosso caso, enquanto quadro referencial para compreensão do objeto de estudo e de suas relações, recorreremos à pesquisa bibliográfica.

Carolina de Jesus: a ascensão

A trajetória da Carolina de Jesus pode ser comparada a da “Cinderela”, entretanto, ao contrário desta, a nossa autora assistiu a ascensão, não a partir dos atributos físicos (arquétipo da mulata brasileira), mas pelo meteórico projeto literário, no entanto apesar da fama e mídia repentinas, amargou o ostracismo do esquecimento e da pobreza. Partiremos então, de três figuras ímpares que a nosso ver foram de grande importância para dar visibilidade a esta trajetória que são: Audálio Dantas³(este por tê-la dado visibilidade), e o José Carlos Sebe Bom Meihy A Rober M. Levine⁴. Sobre a ascensão dos seus escritos podemos destacar:

³Jornalista brasileiro que militou de forma atuante contra a ditadura militar e deu visibilidade na década de 1960 a Carolina Maria de Jesus.

⁴ Autores da obra **Cinderela Negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus realizaram uma bem sucedida pesquisa acerca da aurora. Texto historiográfico sobre uma das principais escritoras negras afro-brasileiras do século XX.

Em 1958, fragmentos de seu *diário* chamava a atenção de um jovem jornalista, Aduálio Dantas, que a ajudou a publicá-lo. Colando comercialmente no mercado, em um curto e fulgurante espaço de tempo ela se tornou uma celebridade internacional, ocupando lugar de realce na história editorial brasileira, latino-americana e até mundial. Sem dúvida um fenômeno (MEIHY & LEVINE, 1994, p. 17).

O encontro entre a nossa escritora e Audálio Dantas ocorreu na Favela do Canindé, quando este foi designado para escrever uma matéria acerca da favela, que se expandia pelas margens da marginal do Rio Tietê. Então com o auxílio da jornalista militante, o limiar do decênio de 60 iniciou com a visibilidade do *Q D*, obra esta que revelou para o mundo a visão da mulher, escritora e negra dentro daquele ambiente tão hostil. Ao ser apresentado aos textos os cadernos, Dantas deparou-se com grandes desafios: organizar dentre os manuscritos de forma lógica o a primeira obra publicada, visto que seus escritos se encontram emaranhados em cadernos e folhas avulsas, uma vez que necessária então muita perspicácia para desvendar os gêneros (já que escreveu diários, poemas, peças de teatro, letras de música), bem como o insuficiente domínio da norma culta da língua portuguesa⁵. Desta forma:

A preparação do livro – organização de texto, pequenas correções, supressões etc., a copidescada, diríamos hoje – coube a um jornalista de luta, Audálio Dantas. Ele a descobriu, apresentou a Francisco Alves, intermediou o contrato, administrou direitos autorais e, como não bastasse, aconselhou Carolina durante alguns anos, inclusive em vida amorosa (SANTOS, 2009, p. 96).

No entanto a sua recepção no mercado editorial ocorreu com muitas ressalvas, visto que penetrar no universo literário revelava uma afronta ao sentido de cânone literário. Foi levantado um questionamento: seria apenas uma amontoada de escritos ou textos literário? Na concepção mais “pura” como o exercício estético na manifestação em prosa ou em verso intimamente relacionado com a retórica, gramática e poética, entretanto seus remontam os primórdios da concepção de literatura, principiando pela incisiva marca de oralidade. Sobre a recepção da sua descrita destacamos:

Muita gente se perturbou com *Quarto de despejo*: “Daqui a pouco qualquer um vai querer publicar livros”, disseram. O crítico Wilson Martins chegou a afirmar que era uma impostura de Audálio Dantas. Com essa mitificação do livro, natural num país em que sempre foi artigo de luxo, coisa de padre ou estrangeiro, apreciado mais pelo título, nome do autor, a grossura e volume do conteúdo e pelo conteúdo, prenda de classe alta, como as bengalas de castão em ouro, escritores os que publicam e circulam na aristocracia intelectual (SANTOS, 2009, p. 23).

Como assinala Santos, em uma cultura que propiciava visibilidade quase que em via de regras a escritores laureados não apenas pela fortuna crítica, mas por uma série de implicações que indicavam a identidade do escritor como aquele afamado pelo arquétipo do branco e bem nascido, descendente de família seja abastarda pelo berço ou detentoras de calhamaços e mais calhamaços de publicações. Entretanto Maria Carolina de Jesus, mulher, semianalfabeta e filha de negros ex-escravo, não detinha a habilidade textual de encantar, seduzir ou sublimar a realidade com palavras “adocicadas”, imprimia sim a realidade austera não apenas de forma realista ao descrever situações tão algozes, entretanto o estranhamento

⁵ Alguns trechos além dessa citação, outras a seguir retratam a marcas de oralidade na grafia que permaneceram segundo os manuscritos.

do seu texto afronta o leitor, ao apresentá-lo a uma realidade que está tão próxima, todavia escamoteada pela mídia ou discurso político-social. Faz saber então nesse trecho:

19 de dezembro Amanheci com dor de barriga e vomitando. Doente e sem ter nada para comer. Eu mandei o João no ferro velho vender um pouco de estopa e uns ferros. Ele ganhou 23 cruzeiros. Não dava nem para fazer uma sopa. (...) Que suplicio adoecer aqui na favela! Pensei: hoje é meu último dia em cima da terra. ... Pensei que havia melhorado. Sentei na cama e comecei catar pulgas. A ideia de morte já ia se afastando. E eu comecei a fazer planos para o futuro. Hoje eu não saí para catar papel. Seja o que Deus quiser (QUARTO DE DESPEJO, 2007, p. 145).

O trecho acima descrito faz parte do diário da Carolina de Jesus, a cena acontece no barraco da autora na extinta favela do Canindé (hoje está localizado o estádio da Portuguesa de Desportos), às margens da Marginal Tietê. É possível perceber ao ler todo o diário como a palavra “fome” e demais derivações da situação de miserabilidade são recorrentes na narrativa: descrição de alimentos em putrefação, disputa por ossos na lixeira do frigorífico e o som característico que denuncia o estomago “roncando de fome”, marcam o tom trágico e funesto (quase uma tragédia grega) pontuado de lirismo que desafiam a existência tanto do físico como da dignidade humana. Em outras passagens podemos, enquanto leitores perceber o mal-estar causado pelo texto (QD, 2007, p. 100): “**24 de julho** ... Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em me suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome”.

QD fora então publicado, segundo Dantas (1993)⁶, o texto operou mudanças significativas na vida da autora, esta que registrou de forma quase que fotográfica o drama de uma parcela da população marginalizada e desistidas das políticas públicas de saneamento básico, habitação e principalmente saúde. Um texto que de forma vibrante, imprimia a originalidade de uma nova perspectiva: o olhar da moradora que registrou e viveu as agruras do dia a dia e a situação de miserabilidade dos demais moradores (é interessante frisar que a autora colecionou muitos desafetos após a publicação, visto que ela nomeou as personagens, tal qual na vida real os moradores da favela), como nesse trecho: “**1 de julho**... Eu percebo que esse Diário for publicado vai magoar muita gente” (QD, 2007, p. 78).

Entretanto, apesar da condição social e econômica, a nossa autora era muito perspicaz, seu propósito era como assinalam muito bem Meihy (2010) ao relatar que foi providencial o encontro de Audálio Dantas e Carolina De Jesus, enquanto o jornalista buscava um furo de notícia, ele aspirava à fama. Então, de forma extremante hábil ela sabia qual era a sua ferramenta: escrever. Para Arruda (2014, p. 202) “Carolina é um ótimo exemplo desse desejo enorme de escrever”.

O sucesso literário lhe rendeu fama, a miserabilidade da favela foi traduzida para 13 idiomas, com mais de um milhão de exemplares vendidos no exterior. Interessou para o público leitor a descrição de uma realidade tão adversa, onde as injustiças sociais são exercidas de forma extremamente impiedosa. No exterior, buscava-se observar a marginalidade urbana de uma metrópole que iniciava o seu crescimento pela industrialização, a exemplo do destaque na matéria do jornal de Nova Iorque: “[...] no destaque dado pelo New York Times, que classificou seu livro de estreia como “penetrante ensaio sobre o significado da fome, degradação, e perseverança [...]” (MEIHY & LEVINE, 1994, p. 18). Para o público internacional, causava certo estranhamento observar que a jovem nação passava por um promissor período de industrialização, entretanto a voz do texto da Carlina de Jesus era a da negra e favelada, em contrataste com uma ideologia branca e moderna.

⁶ Prefácio do **Quarto de despejo – Diário de uma favelada**, intitulado “atualidade do mundo de Carolina”.

Todavia, mas qual era afinal a realidade a qual a autora se reportava, era a de uma problemática localizada ou instalada no seio da sociedade de sua época? A fim de responder esse questionamento, recorreremos a Florestam Fernandes⁷ (1972), já no prefácio da obra, o sociólogo relata que se instalou uma problemática extremamente grave nas primeiras décadas do século XX na sociedade brasileira, tomando como referência a cidade de São Paulo. Ele relata que com o advento da urbanização o papel social do negro, frente a uma sociedade competitiva exigia qualificação profissional para ocupar um posto de trabalho na indústria.

Segundo o seu posicionamento, observamos que se enquadra perfeitamente a situação da Carolina de Jesus, a existência da autora é similar a de muito brasileiros da época que deixam a zona rural rumo à cidade grande. A metrópole escolhida foi a paulistana, assim como os demais nortistas, mulatos, negros e semianalfabetos, instalou-se em uma região periférica da capital, vivendo os dramas de uma nova realidade: a urbana. Então com essa nova configuração, o modelo de trabalho após a Abolição dos Escravos deixava de ser o servil, passava agora a ser o livre, entretanto para concorrer a uma vaga nos postos de trabalho, visto que os escravos trabalhavam de forma servil nas lavouras, sua única qualificação era a força, agora é necessário aptidões para atividade urbano-comerciais. Nasce então uma nova “classe” acompanhada por uma nova problemática, a das pessoas de “cor”, descendentes que pelo menos como os negros tiveram alguma ocupação (apesar de exercerem atividades de forma incondicional), nem apresentam qualificação, visto que os brancos detêm formação e habilidades para ocupar os melhores cargos de trabalho, ou seja, assiste-se o surgimento de uma classe subalternizada.

O espaço físico caracterizou tão os bolsões humanos de pobreza onde negros e mulatos se alojaram na metrópole, a margem da concentração da renda e das ações sociais, políticas e culturais, desta forma quase que “apátridas” dentro do seu próprio país. Uma ordem social que condicionava que não proporcionava mobilidade social alguma, não obstante repetia o estereótipo de subalternidade, desta vez não das senzalas, mas da periferia. Periferia essa que a Carolina de Jesus retratou muito bem no diário e que Florestam Fernandes expõe sobre o período:

A revolução burguesa, a outra revolução assistida pelos negros, não com influência direta na cadeia dos fatores causais. Ela se desenrolou, nas condições mais remotas e primordiais em conexão com a formação e expansão da grade lavoura exportadora. Contudo, nesse processo, o negro só teve uma importância indireta, como agente humano do trabalho que permitiu a captação do excedente econômico que iria condicionar a constituição do complexo urbano-comercial de São Paulo e dinamizar o desenvolvimento do capitalismo comercial como realidade econômica interna (FERNANDES, 1972, p. 144).

Remontando a grande monocultura do café no Vale do Paraíba, o negro segundo o autor acima, participou primeiramente da primeira revolução agrícola, quando as grandes monoculturas escravas da região cederam lugar para mão de obra imigrante (principalmente europeia), propiciando a partir da comercialização dos escravos, pelo excedente dos lucros a instalação forte cultura do café no Estado de São Paulo, em meados do século XIX, a região produtora presenciou a multiplicação da riqueza de um produto que anos depois financiou a industrialização.

Então restava agora não mais ao escravo (após a Lei Áurea), mas ao negro a condição de subalterno nas lavouras de subsistência, ficando à margem do processo de produção rural, visto que a sua mão de obra não era qualificada. Para além do campo, o negro e mulato emigrou em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos, entretanto lá

⁷ O Negro no mundo dos brancos.

chegado, em nosso caso em São Paulo, mais uma vez foi marginalizado, agora a situação a qual fazia parte era muito mais algoz: estava em um espaço urbano e comercial no qual não tinha as ferramentas e habilidades para interagir na sociedade, faltava-lhe formação, fator esse que desencadeou a quase que ausência da mobilidade sócio econômica dessa parcela da população.

Comprimidos em espaços de subalternidade, os mulatos e negros povoavam não apenas as regiões periféricas de uma nova realidade urbana, mas também do texto de Carolina de Jesus, a ocupação clandestina de vias públicas, causada pelo déficit habitacional: “**26 de junho...** Ouvi uns buatos que os fiscais vieram requerer que os favelados desocupem o terreno do Estado onde eles fizeram barracões sem ordem” (QD, 2007, p. 73).

Tendo em vista as problemáticas descritas no QD, a obra até o golpe militar de 1964, despertou tanto no público nacional como internacional a “curiosidade” de mergulhar não apenas na problemática da favela, mas como o olhar particular da autora retratou o racismo, a condição de mulher frente à sociedade com gritantes traços do patriarcado e o infortúnio que os demais favelados enfrentavam a cada dia pela sobrevivência. Desta forma, sua caótica escrita afrodescendente, da filha de escravos, ilustrava a voz de uma narrativa advinha da periferia com acentuada voz subalterna:

A trajetória de Carolina implica a visão de um lado pouco mostrado da cultura brasileira: a luta cotidiana de uma mulher “de cor”, pobre e desprovida de favores do Estado, de organismos sociais, de instituições e até desprovida de amigos. O que a distinguiu dos demais foi o fato de ser um tipo capaz de desafiar a pobreza e seus promotores através de incomum capacidade de luta e perseverança e de uma agressiva personalidade (LEVINE & MEIHY, 1994, p. 19).

Em possível perceber então que Carolina de Jesus então, em sua luta diária pela sobrevivência, não realizou apenas um recorte de registros de uma realidade, mas denunciou pelo menos como podia, escrevendo, de forma humana a miséria social ao projetá-la publicamente.

Carolina de Jesus: a queda

O conto de fadas que resultou na visibilidade da nossa autora ocorreu muito antes da sua chegada a grande metrópole brasileira, São Paulo, que florescia aos olhos daqueles que buscavam prosperar. As agruras sofridas como catadora de lixo, vendedora de cerveja faxineira, empregada doméstica (na casa da madrinha), alimentavam uma necessidade de evadir desta realidade de sofrimento e precariedade, então buscou a notoriedade como escritora para realizar tal tarefa.

Como um olhar atento, é possível observar no diário um olhar daquela que estava no espaço, mas não se sentia pertencente a ele, sobre os nortistas: “[...] O que eu quero esclarecer sobre as pessoas que residem na favela é o seguinte: quem tira proveito aqui são os nortistas. Que trabalham e não dissipam. Compram casa ou retornam para o Norte” (QD, 2007, p. 47). Como nesse trecho também: “[...] – Estou. Mas faz de conta que não estou, porque eu tenho muito nojo daqui. Isto aqui é lugar de porcos. Mas se pusessem porcos aqui, haviam de protestar e fazer greve” (QD, 2007, p. 49). Acerca da favela: “[...] Aqui nesta favela a gente vê coisa de arrepiar os cabelos. A favela é uma cidade esquisita e o prefeito é o DIABO. E os pinguços que durante o dia estão oculto a noite aparece para atentar” (QD, 2007, p. 91).

As passagens acima do diário retratam a visão da autora acerca do universo que ela tentará se desvencilhar, dessa realidade que deixou os leitores chocados com tanta veemência, o mesmo choque perseguiu a sua existência diariamente:

A autora não percebia as razões estruturais da pobreza. Ela culpava os favelados, referindo-se a eles como bestas humanas, vítimas dos próprios infortúnios; dizia que eles preferiam ser bêbados e vagabundear a ter trabalho regular e conseguir melhoria pelo próprio progresso pessoal. Se é verdade que ela atingia os políticos com suas críticas, não é menos verdadeiro que nunca advogou qualquer mudança abrupta na sociedade, nem nunca abordou de maneira crítica os problemas da violência, creditando os motivos às origens das pessoas, particularmente dos nortistas (LEVINE & MEIHY, 1994, p. 33).

É fato a análise realizada pelos pesquisadores partir dos textos da Carlina de Jesus, o olhar mais atento vai observar esse ponto de vista da autora acerca dos favelados, os nortistas, os bêbados. Entretanto ela defendia o sonho e necessidade de siar da daquela realidade e gozar a vida com a sua família em um ambiente confortável, longe pobreza e da fome, a meta de qualquer migrante, deixar a sua condição de desvalido e prosperar com o trabalho.

A radicalidade que marcou os retratos sociais e humanos não agradaram nem a esquerda, muito menos a esquerda, pois estas aguardavam um posicionamento político. Sendo tachada agora pela crítica segundo os pesquisadores acima como “oportunista”. Mas o mérito da nossa autora não foi escrever obras de cunho político ou de esquerda à moda da revolução russa, entretanto o que pode ser observado é esta voz subordinada que rompeu o espaço para além-periferia.

Entretanto alheia à sensibilidade da escrito afrodescendente, a mordaz crítica da época se posiciona após o frenesi de *QD*:

No ano seguinte, Carolina publicou seu segundo livro *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*, que narra a sua vida fora do Canindé. Este já não vendeu tanto como o primeiro e os outros dois seguintes *Provérbios* e *Pedaços de fome*, publicados pela autora em 1963, renderam-lhe menos ainda, dando-lhe, na verdade prejuízo. Assim Carolina passou do sucesso ao esquecimento, pois, a mesma mídia que a aclamou, concedendo-lhe lugar a de destaque em jornais e revistas da época, já não tem mais interesse pela favelada (FERREIRA, 2014, p. 209).

O seu objetivo fora alcançado: obteve ascensão, conseqüentemente deixou a favela. Foi matéria de revista e jornais em outros países, teve a obra traduzida para mais de 13 línguas, fez viagem internacional e principalmente adquiriu a casa própria, na verdade um pequeno sítio, na região de Parelheiros, interior de São Paulo. Desvinculando-se assim da condição de miserabilidade da favela, e despartada daquele espaço caiu no ostracismo, visto que segundo a pesquisadora mesma que a aclamou a força estética incomum para a época, auxiliou no processo do esquecimento.

Doente, com dificuldades financeiras no ano de 1997, a mulher, afrodescendente morre, no entanto deixa um legado textual que a literatura canônica reluta em reconhecer. Seus escritos romperam as barreiras físicas do Brasil, mostrando o que Florestam Fernandes (1972) já relatara ao falar sobre o mito da falsa democracia racial brasileira. Carolina então representa o desejo imenso de escrever que deve ser novamente redescoberta, desta vez não mais pela mídia, mas pelo público acadêmico, não como tema das injustiças ou pelas barbáries consolidadas pela nossa cultura patriarcal e escravocrata ao seu povo, mas como agente de produção literária.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. “A escrita arqueológica de Carolina Maria de Jesus em Meu estranho diário”. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FERREIRA, Amanda Crispim. “Do quarto de despejo, a poesia de Carolina Maria de Jesus”. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Arquivos femininos: literatura, valores, sentidos**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Ática; 2007.

LEVINE, Robert M.; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1994.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Semialfabetizada, Carolina Maria de Jesus vendeu mais de um milhão de livros só no exterior**. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/conto-das-ruas>>. Acesso em: 5 ago. 2015.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.